



## Do Varal à Internet: O Uso do Cordel Pelos Novos *Media*.<sup>1</sup>

Ana Paula Campos LIMA<sup>2</sup>  
Bruno RIBEIRO<sup>3</sup>  
Gyl Dayanna CARVALHO<sup>4</sup>  
Kalline Andrade NÓBREGA<sup>5</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### RESUMO

O folheto de cordel, outrora tão comum nos varais de feiras do Nordeste brasileiro, atualmente está cada vez mais presente no *ciberespaço*. Graças a essa hibridização cultural, esses folhetos virtuais estão mais acessíveis a um público que desconhecia o fenômeno do “folheto do acontecido”. Esse artigo objetiva discutir e exemplificar como as novas mídias estão fomentando a maneira de produzir os folhetos de cordéis, tanto impressos quanto virtuais. Também traçaremos um breve histórico sobre o surgimento dos folhetos na Europa Medieval, até sua chegada nos *media*. Por fim, analisaremos brevemente alguns autores que fazem da internet um meio de divulgação de seus trabalhos e as implicações dessa reprodutibilidade técnica na cultura popular.

**PALAVRAS-CHAVE:** estudos culturais; gêneros híbridos; internet; literatura de cordel.

### RENASCIMENTO DO CORDEL

Embora alguns estudiosos *apocalípticos* predissessem o desaparecimento do *folheto de acontecido* por causa dos avanços tecnológicos dos meios de comunicação de massa, a literatura de cordel continua cada vez mais atraindo o interesse das pessoas. A diferença é que agora o gênero conseguiu alcançar um novo público que não é apenas leitor ou ouvinte, mas produtor de versos de cordel através da internet.

O nome desse tipo de literatura se dá pela forma como era comercializado esses folhetos em Portugal. Depois de impresso, o *livrinho* era dependurado em cordão – ou cordel,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

<sup>2</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UFPB, e-mail: aparmorial@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Radialismo da UFPB, email: rn.brunno@gmail.com.

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Radialismo da UFPB, email: gyl.dayanna@gmail.com.

<sup>5</sup> Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Radialismo da UFPB, email: kalline\_nobrega@hotmail.com



como os portugueses chamam – a fim de serem vendidos e lidos nas feiras livres, mercados, praças e bancas de jornal. Assim que chegou ao Brasil, as pessoas se referiam à literatura de cordel apenas como *folheto*. Antes da popularização do termo “literatura de cordel”, os nordestinos chamavam esses *livrinhos* de *folheto de feira*. Essa nomenclatura persistiu até o final da década de 80, quando os cordéis eram destaque nas feiras brasileiras. Da década de 90 aos dias atuais, a expressão “literatura de cordel” é retomada com ênfase dentro da academia, uma vez que o cordel virou objeto de estudo nas universidades, tornando-se fonte de pesquisas acadêmicas por todo Brasil (TRIGUEIRO, 2008).

O estudo da literatura de cordel faz parte do que hoje conhecemos como *Folkcomunicação*, ou seja, “sistema de comunicação por meio dos fenômenos folclóricos. Em suma do povo para o povo” (LUYTEN, 2007, p. 8). Como nos dias hoje, é impossível qualquer meio ou gênero de comunicação se manter isolado diante da onipresença da indústria cultural, o que é observado na folkcomunicação – e que será observado nesse artigo – é como um sistema usa o outro, uma vez que “comunicação e cultura devem ser estudadas juntas, porque representam realidades muito próximas, são campos multidimensionais e integrativos” (TRIGUEIRO, 2008, p. 30).

Para os estudiosos da folkcomunicação, “a literatura de cordel é considerada um dos elementos de maior comunicabilidade dos meios populares” (LUYTEN, 2007, p. 8). Esse fenômeno passou a ser analisado dentro da academia por Luiz Beltrão em 1960. Nesse artigo, para que a literatura de cordel possa ser analisada à luz de outros fenômenos midiáticos da cultura de massa, devemos levar em consideração o termo *Folkmídia*. Esse conceito está dentro do campo de estudo da Folkcomunicação. Segundo Joseph Luyten, (2007, p. 8) essa terminologia se refere “a utilização de elementos da folkcomunicação pela mídia e vice-versa”.

Julgamos conveniente destacar o termo folkmídia como significativo de utilização de elementos folkcomunicacionais pelos sistemas de comunicação de massa. Acreditamos, desta forma, estarmos colaborando para um entendimento melhor de um fenômeno que se torna mais e mais evidente em uma época como a nossa, em que o inter-relacionamento das várias formas distintas de comunicação vai se revestindo de interesse cada vez maior da parte de estudiosos do fenômeno geral a que chamamos Comunicação Social. (ALMEIDA *apud* LUYTEN, 2003)

De acordo com Osvaldo Trigueiro, esse processo de apropriação e incorporação das manifestações culturais populares pela mídia, bem como o uso das novas tecnologias para a reinvenção da cultura popular é chamado de produções folkmidiáticas. “Essas aproximações,



das culturas populares e midiáticas no mundo globalizado são cada vez mais intensas. A essas complicitades culturais, geradas em campos híbridos, passei a chamar de Produtos Folkmediáticos” (TRIGUEIRO, 2005).

## **SURGIMENTO DA LITERATURA DE CORDEL**

No mundo ocidental da Idade Média, a comunicação era praticamente eclesiástica. Por ser a Igreja Católica, a detentora dos principais meios de comunicação e informação da Europa Medieval – copistas, bibliotecas e livros – a literatura popular praticamente não encontrou voz. A partir do século XII, surgiu na Europa Cristã uma manifestação leiga independente da igreja. Ela tinha algumas características gerais.

A primeira era que aquela literatura não era produzida em *latim*, e sim numa linguagem regional. Outra característica importante foi o fato de tanto o povo quanto os nobres passarem a contar suas histórias em versos primitivos, mas que eram bem entendidos pelo público em geral. Como na Europa Feudal o vassalo era preso a terra e só podia sair dela por motivos de guerras ou peregrinações religiosas, as “andanças” patrocinadas pela Igreja Católica para Jerusalém, Roma e Santiago de Compostela, fizeram com que vários poetas nômades viajassem nessas *procissões*; e voltassem contando em forma de verso as novidades da aventura e da bravura (LUYTEN, 2007). Conhecidos também como trovadores, essa forma de poesia se espalhou pela Europa Medieval (APOLINÁRIO, 2010). Por isso, esse tipo de literatura popular virou uma forma de resistência à literatura oficial promovida pela Igreja Católica. Os padres da época chegavam a condenar esse tipo de literatura *frívola*. Segundo Luyten, essa oposição à cultura erudita ou dominante é o que caracteriza a cultura popular:

A cultura popular abrange todos os setores da vida de um povo, mas geralmente indica certa oposição a cultura oficial, erudita. Ela se manifesta com maior vigor em sociedades nas quais a divisão de classes é acentuada. Dessa maneira, não chamamos a cultura indígena de populares. Elas existem por si, independente de qualquer outra. (LUYTEN, 2007, p. 12)

Algumas das características que podemos citar na cultura popular são: a linguagem que permeia esse tipo de arte é mais alegórica e de um entendimento mais simples, porém com seu estilo próprio; sua estética é mais limitada e não tão elaborada como na cultura erudita; por fim, usa muito de elementos do folclore local para compor seus produtos (BOSI, 1991). E era esse tipo de literatura que ganhava corpo, forma e espaço nos países europeus. Em meados do século XV, os poetas sentiram a necessidade de colocar esse tipo de poesia no



papel. Isso porque eles queriam que seu trabalho chegasse “as mais longínquas terras” (APOLINÁRIO, 2010). Assim, surge na França a *Literatura de Colportage*, na Inglaterra aparece o *Chapbook*; e na Península Ibérica nasce os *Pliegos Suelos* na Espanha e as *Folhas Volantes* ou *Folhetos de Cordel* em Portugal (BATISTA, 1997). No século XVIII, já era comum entre os portugueses a expressão *literatura de cego*. Essa expressão surgiu em 1789, por causa da lei promulgada por Dom João V que permitia à Irmandade dos Homens Cegos de Lisboa negociar esse tipo de publicação.

## **CHEGADA AO BRASIL**

Os folhetos de cordéis foram introduzidos no Brasil pelo cantador Silvino Pirauá de Lima e depois pela dupla Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista. Desses, o paraibano Leandro Gomes foi o mais famoso, tendo seus folhetos publicados até hoje. Natural de Pombal (PB), Leandro é considerado o maior escritor de cordel, seja em qualidade do verso, seja em penetração popular (LUYTEN, 2007).

Antes da publicação da literatura de cordel em forma impressa, os cantadores faziam suas apresentações oralmente nas feiras livres do Nordeste. Esses poetas viajavam pelas fazendas, vilarejos e pequenas cidades do interior nordestino. Com o advento da imprensa, a poesia foi colocada no papel e os cordelistas mudaram seus sistemas de divulgação. Dessa forma, o autor agora poderia ficar num mesmo lugar a maior parte do tempo para que suas obras fossem vendidas por *folheteiros* ou por revendedores empregados por eles. A literatura de cordel desenvolveu muito quando o povo conseguiu fazer uso da imprensa no Brasil. E é essa possibilidade de imprimir suas próprias produções que torna o cordel singular. “A grande vantagem da literatura de cordel sobre as outras expressões de literatura popular é que o próprio homem do povo imprime suas produções, e do jeito que eles as entende” (LUYTEN, 2007, p. 44). Outra característica importante da literatura de cordel é tentativa feita pelos cantadores do interior nordestino de baratear suas produções.

Para começar, o papel tipo jornal. As capas costumam ser melhores [do tipo papel usado para embrulho comum]. O tamanho dos folhetos quase sempre giram em torno das medidas 11 cm por 16 cm. Isso dá exatamente uma folha tipo sulfite dobrada em quatro. Por isso mesmo, o número de páginas da literatura de cordel deve ser múltiplo de oito [cada folha sulfite dobrada em quatro dá possibilidades para oito páginas impressas]. (LUYTEN 2007, p. 45)



No começo, o cordel apareceu como sinônimo de poesia popular em verso, retratando histórias tradicionais e narrativas antigas que a memória do povo foi conservando e transmitindo (APOLINÁRIO, 2010). Ao mesmo tempo, começaram a aparecer nos folhetos descrição de fatos recentes de acontecimentos sociais que prendia a atenção do público. (BATISTA, 1997).

Assim, o cordelista era o novo representante do povo. Os poetas populares viraram uma espécie de repórter dos acontecimentos da vida no Nordeste do Brasil. Até meados de 1975, juntamente com o rádio, esses folhetos eram uma das poucas fontes de informação que chegavam as famílias pobres rurais e semianalfabetas do interior nordestino. Mesmo com as denúncias sociais, não havia limites na escolha dos temas para a criação de um folheto. Um mesmo poeta poderia narrar os feitos de Lampião, as "presepadas" de heróis como *João Grilo* ou *Canção de Fogo*; uma história de amor, ou acontecimentos políticos importantes de interesse do público:

No Nordeste, por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, da maneira como se tornou hoje em dia, característica da própria fisionomia da região. Fatores de formação social contribuíram para isso: a organização da sociedade patriarcal; o surgimento de manifestações messiânicas; o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos; as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais; as lutas de famílias que deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumento do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular (BATISTA, 1997, p. 74).

## **CORDEL NA PARAÍBA**

Para Lira (2004), a Paraíba é o berço da literatura de cordel no Brasil. Como já citado, foi no município de Pombal (PB) que em 1865 nasceu o primeiro cordelista brasileiro: Leandro Gomes de Barros. Por ter convivido com os poetas populares da cidade de Teixeira (PB) até os 15 anos, Leandro foi fortemente influenciado pela *mitologia* e pela realidade do interior nordestino, que na época era palco de muitas brigas de família, de vários cangaceiros, da religiosidade católica e dos cantadores (APOLINÁRIO, 2010).

Aos quinze anos, Leandro Gomes de Barros vai residir em Vitória de Santo Antão (PE). “Começou a escrever folhetos em 1889 e sabendo aliar sua vivência de poesia na serra do Teixeira à chegada da tipografia no Nordeste, imprime seus primeiros folhetos em meados de 1893”. (MEYER, 1980, p. 35).



Outras cidades paraibanas foram muito importantes na disseminação do cordel pelo Estado. Uma de destaque é o município de Guarabira (PB) que “tanto teve participação ativa como foi viga mestre nesse movimento de poesia popular escrita” (APOLINÁRIO apud SOBRINHO, 2003, p. 23). Em Guarabira nasceram poetas e editores de renome nacional, tais como Manuel Camilo dos Santos.

De acordo com Lira (2008), os primeiros cordelistas da Paraíba eram homens simples, ligados a origem humilde, envolvidos com a agricultura. “A maioria deles nasceu na zona rural, filhos de pequenos proprietários ou de trabalhadores assalariados” (LIRA, 2008). Atualmente o Estado da Paraíba possui dois grandes centros de cordelistas. Um é a cidade de Campina Grande (PB). O outro centro é o município de Patos (PB).

## **A MÍDIA PARAIBANA E O CORDEL<sup>6</sup>**

Atualmente, o rádio, a televisão, a publicidade e a internet são os principais dispositivos midiáticos por qual percorre a literatura de cordel na Paraíba. Os dois lados souberam “dosar” e fazer uso desses meios. De um lado, a mídia percebeu que essa literatura poderia servir de instrumento tanto para divulgar a cultura popular da Paraíba quanto para comunicar com maior eficácia aos paraibanos. Por outro lado, o cordel soube se propagar dentro dos media graças a sua linguagem simples e as suas características serem parecidas com a dos paraibanos.

Quem primeiro fez uso dos folhetos foi o rádio. Os programas radiofônicos voltados para o cordel misturavam a cantoria da viola com entrevistas de cordelistas, com direito a divulgação e recitação do trabalho desses poetas. Na TV, o *Momento Junino*, da TV Borborema – afiliada da SBT em Campina Grande – realizou de maio a julho de 2010 cerca de 10 programas com duas horas de duração cada, voltados para a cultura nordestina.

Quem também fez bom uso do cordel foi à publicidade. No folheto *Venha viver em Campina o maior São João do mundo* (2005), o cordelista Manoel Monteiro divulgou os potenciais turísticos do Maior São João do Mundo. O folheto foi distribuído pela Prefeitura Municipal de Campina Grande aos visitantes – campinenses ou turistas – que em 2005 estiveram no Parque do Povo. Também foi divulgado trechos do folheto nas revistas de turismo brasileiras e na revista VEJA dos meses de maio e junho.

---

<sup>6</sup> Os dados dessa seção foram retirados de duas fontes: APOLINÁRIO, Rodrigo. *Literatura de Cordel na Paraíba: da Serra de Teixeira à Internet* e o site Cordel On line ([www.cordelonline.com.br](http://www.cordelonline.com.br)).



É importante observar que esses suportes midiáticos citados não são projetos fixos que são exibidos ou publicados ao longo do ano (APOLINÁRIO, 2010). Geralmente, esses programas aparecem perto do São João, nos meses de maio e junho. Por isso, a internet é um importante meio especializado, tanto de divulgação quanto de análise da literatura cordelista paraibana. O termo cibercordel, criado por Diógenes Dramarc (2006), se refere ao novo suporte em que a literatura de cordel está inserida e ganha cada vez mais espaço:

A partir do cibercordel, temos uma obra-processo situada por pontos de encontros de temporalidades e espaços diversos, os quais sendo a materialização das experiências vividas por seus autores, transforma-se em diálogo criativo que combina referências culturais múltiplas. (DRAMARC, 2006, p.8)

## **DAS FEIRAS POPULARES AO CIBERESPAÇO**

Com o advento da internet, os poetas estão cada vez mais migrando para o espaço digital. Só para se ter uma ideia, o poeta Gustavo Dourado enumerou mais de quinze cordelistas brasileiros que divulgam seus poemas na íntegra exclusivamente pela internet<sup>7</sup>. Existem alguns fatores que contribuíram para a utilização desse novo meio pelos cordelistas.

O primeiro diz respeito ao maior acesso à internet do público brasileiro em geral e paraibano em particular. A web passou a fazer parte do dia a dia não apenas de uma camada economicamente privilegiada da sociedade, mas de todas as classes econômicas, através de vários programas de inclusão digital. Como afirma Puterman, “na prática, o desenvolvimento tecnológico possibilita a outros segmentos da população o consumo de produções culturais antes restritas por barreiras de classes, geográficas, etc.” (PUTERMAN, 1994, p. 48).

Um segundo motivo é a nova mescla presente na *Folkmídia*. Os produtores de cultura popular, por exemplo, passaram cada vez mais a se utilizar da indústria cultural a fim de divulgar seu trabalho (TRIGUEIRO, 2005). Um exemplo interessante é a banda *Cordel do Fogo Encantado*. O grupo musical soube unir as duas coisas para divulgar seu trabalho. De um lado eles recitam nas músicas, através de versos de cordéis, profecias que contam a história do sertão, tendo como ritmo as batidas fortes dos terreiros ligados às religiões afro-brasileiras, juntamente com outros ritmos populares como afoxé, maracatu e samba de coco. Por outro lado, acredita-se que parte da aceitação da música entre o público jovem esteja

---

<sup>7</sup> São eles: Amargedom, Almir Alves Filho, Anízio Guimarães, Benedito Generoso da Costa, Daniel Fiuza, Domingos Medeiros, Francisco Egídio Aires Campos (Mestre Egídio), Gonçalo Ferreira da Silva, Guaipuan Vieira, F.G C. Dourado, Jessier Quirino, Janduhi Dantas, José de Souza Dantas, Lenísio Bragante de Araújo, Rubênio Marcelo.



ligada à mescla entre o novo e o tradicional, feito pela banda. O grupo se utiliza dos meios de comunicação massivos, como rádio, TV e internet, para divulgação do seu trabalho (LIMA, 2003).

Os cordelistas do século XXI souberam fazer bom uso dos meios de comunicação de massa. Na internet, existem vários espaços onde além de escrever poesias, os cordelistas trocam idéias, fazem matéria e encomendam folhetos.

Na internet os poetas produzem o folheto, divulgam e existe encomenda. Eles podem imprimir em pequenas quantidades, não precisa de estoque. Isso se chama o fabrico do produto em função das encomendas. Eles têm esta capacidade de se adaptar, de encontrar soluções novas, eles são os verdadeiros heróis dos espaços intersticiais. (SANTOS *apud* WOITOWICS, 2006, p. 2)

A utilização do cordel pela internet foi tão ampla e tão bem aceita que alguns chegam a questionar se os *folhetos* de cordel impressos irão desaparecer, existindo apenas na forma virtual. Para esses autores mais conservadores, existe certo temor de que o *mass media* aniquile as formas de comunicação popular. Esse receio advém de uma visão que enxerga o popular e o massivo como opostos. Entretanto, alguns estudiosos questionam se essa preocupação corresponde de alguma forma à realidade.

A procura por uma pureza da cultura popular tem sido um erro de miopia histórica que não poucos cometem. Ao afirmar que “toda modificação dos instrumentos culturais, na história da humanidade, se apresenta como uma profunda colocação em crise do ‘modelo cultural’ precedente” (ECO, 1998, p. 34), Umberto Eco lembra que as mais diversas alterações nos instrumentos culturais vigentes ao longo da história foram recebidas com receio pelos estudiosos de praticamente todas as eras. Osvaldo Trigueiro concorda com Eco quando explica que a apropriação das novas tecnologias pelos autores populares ou o uso que a indústria cultural faz da cultura popular não é novidade (TRIGUEIRO, 2005). Como afirma Stuart Hall:

Quero afirmar que não existe nenhuma cultura popular completamente autêntica e autônoma, que esteja fora do campo de força das relações de poder e dominação cultural, [...] o estudo da cultura popular continua sendo visto entre dois pólos bastante inaceitáveis: pura autonomia ou total incorporação (HALL *apud* LIMA, 2003, p. 47).

Se por um lado a personagem Gabriela – vivida por Sônia Braga na telenovela da Rede Globo em 1975 – virou tema de literatura de cordel, fazendo sucesso nas feiras nordestinas através do poeta paraibano Manoel D’Almeida Filho, por outro lado Lia de



Itamaracá, aos 59 anos, ganhou espaço na mídia nacional e internacional depois de ter sido descoberta pelos produtores de bens culturais do mercado global. Dessa forma, é possível perceber como os *mass media* e a cultura popular conseguem se relacionar a fim de divulgar e propagar os produtos da cultura local. É importante lembrar que essa apropriação das culturas populares pela indústria cultural obedece a interesses mercantilistas, buscando mais patrocinadores e maiores lucros. Entretanto, existem também interesses dos artistas locais em tornar suas obras mais conhecidas para o público. Assim, os mediadores ativistas culturais conseguem criar estratégias de permanência dos seus produtos, além de descobrirem novas formas de comunicação para divulgação das suas obras culturais populares.

Não trago novidades, apenas algumas constatações para mostrar que a espetacularização das culturas populares não é uma coisa tão nova como se pensa, a mudança é nos métodos de produção, na velocidade da distribuição e no mercado de consumo desses bens culturais [...]. Nesse jogo negociado entre o local e o global os autores populares também projetam na mídia as suas obras literárias, musicais e teatrais. Por sua vez a mídia se apropria das expressões do imaginário cultural popular com o sentido da “espetacularização” direcionando para a grande audiência uma diversidade de mercados de consumo (TRIGUEIRO, 2005).

Nos últimos anos o número de cordel de papel cresceu muito na própria internet, graças aos sites de vários cordelistas que vendem seu material pela Web. Vários clássicos da literatura mundial foram reescritos em cordel e o número de editoras que publicam o material em papel cresceu muito na web. Isso porque, segundo Puterman, com a apropriação da tecnologia pelas pessoas, se têm uma “melhoria da qualidade e da quantidade da informação cultural recebida, e à ampliação do acesso aos produtos pelo menor preço. A tecnologia influencia a cultura que se produz, alterando radicalmente as condições de acesso a ela” (PUTERMAN, 1994, p. 52).

Como afirma Ana Paula Campos Lima, as mudanças ocorridas na atualidade não deveriam ser vistas como aniquilamento da cultura popular, mas como uma reorganização desses movimentos a fim de difundir suas tradições na sociedade. Por isso, as negociações de apropriação dos media sobre o popular, bem como do popular sobre os media, devem ser visto como algo natural.

As culturas populares que nos tempos atuais se limitam a usar os meios tradicionais se tornam de pouco efeito, mas o poder dessa mesma cultura cresce a partir de sua inserção nos meios massivos da comunicação. Assim, o popular não mais pode ser visto como algo oposto ao massivo, mas como uma forma de atuar nesse meio. Os

veículos de massa representam não mais o aniquilamento, e sim a difusão e a amplificação das tradições locais no corpo social (LIMA, 2003, p. 46).

Um último ponto importante a ser considerado sobre a presença do cordel no ciberespaço é o número de novos cordelistas virtuais. Não são poetas profissionais, mas graças à internet eles escrevem por hobby. Nesse contexto, se encontram vários blogs, comunidades do Orkut e sites da internet destinados a escritores amadores, como o *Recanto das Letras*, por exemplo. Só para se ter uma ideia, até o dia 19 de abril de 2011, o site possuía 10732 poesias em cordel. A qualidade estética das poesias é equiparada aos folhetos vendidos atualmente em bancas de jornal e os *novos poetas* agora não contam apenas estórias da mitologia nordestina, mas do dia a dia das grandes cidades, das religiões protestantes e africanas, das empresas e de várias cidades paraibanas. Natural de Campina Grande (PB) e professor de construção civil do SENAI, Roberto explica no seu perfil de apresentação que passou a escrever cordel depois de um trabalho da faculdade de Pedagogia.

É na faculdade que sou incentivado pelos colegas a escrever texto no estilo cordel, já que o mesmo fazia tanto sucesso. O primeiro trabalho foi uma pequena biografia da grande educadora Emilia Ferreiro, que me contagiou com o ‘vírus’ de escritor que de lá para cá, nunca mais parei. Tenho aproximadamente uns 150 textos, falando de: Política, homenagens, meio ambiente, educação, alcoolismo etc. (SALES, 2004).

A figura 1 foi extraída de uma das 73 poesias de Roberto Ribeiro, onde mostra um trecho da poesia em cordel intitulada *Fragmentos da História de Campina Grande*, escrita pelo professor Roberto Sales em 13/12/2003, e coletada diretamente do site Recanto das Letras:

The screenshot shows a web browser window with the URL [recantodasletras.uol.com.br/cordel/556402](http://recantodasletras.uol.com.br/cordel/556402). The page content includes a navigation bar with 'Texto', the title 'FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DE CAMPINA GRANDE', the author 'ROBERTO RIBEIRO', and the date '13/12/2003'. The poem text is as follows:

Foi no século dezessete  
Que Campina originou-se,  
Um povoado pequeno  
Que nessa terra criou-se  
Entreposto de comércio  
Que no planalto formou-se.

Teodósio de Oliveira  
Foi seu grande fundador,  
Junto com algumas tribos  
Que por aqui já passou,  
Implantando melhoria  
Que o povo aproveitou.

Foi surgindo alguns casebres  
Que serviam de moradas,  
Utilizando água doce

On the right side of the page, there is an advertisement for a mobile phone. It features an image of a silver mobile phone and lists the following features: 'Sinal de Tv Grátis', '2 Chips ativos', 'Câmera de 2.0 MP', and 'MP3/FM'. The price is listed as 'R\$ 99,99' with 'FRETE GRÁTIS'. The advertisement is for 'mptudo.com' and includes the text 'www.mptudo.com', 'mptudo.com.br', and 'Como anunciar aqui?'. At the bottom of the advertisement, it says 'RÁDIO POÉTICA' and 'clique aqui e ouça'.

Figura 1. Disponível em: [www.recantodasletras.com.br/cordel/556402](http://www.recantodasletras.com.br/cordel/556402). Acesso em: 19 abr. 2011.

## HIBRIDIZAÇÃO DE MEIOS

É interessante como os autores paraibanos estão fazendo uso da internet tanto para divulgação de seus trabalhos quanto para tecer comentários e atualizar o público com notícias sobre a literatura de cordel que é produzida no Estado. O do site do poeta Marcos Di Aurélio, pernambucano natural de Bodocó (PE), mas atualmente residente no município de João Pessoa chama atenção pela disponibilidade oferecida pelo site de lê alguns folhetos do autor virtualmente, através de uma espécie de cordel virtual, como mostra a Figura 2. É interessante que, virtualmente, é possível virar as páginas, como nos cordéis tradicionais.



Figura 2. Disponível em: [www.marcodiaurelio.com/cordel](http://www.marcodiaurelio.com/cordel). Acesso em: 19 abr. 2011.

O paraibano Jessier Quirino, assim como Marcus Di Aurélio, não apenas divulga suas obras através da internet, mas usa fortemente os meios de comunicação de massa como ferramenta de trabalho. Livros, CDs, vídeos e fotos ficam disponíveis no seu site, com a disponibilidade de serem consultados pelos internautas, leitores e fãs, como mostra a Figura 3. É no seu endereço eletrônico, inclusive, que fica a agenda dele e os locais onde podem ser adquiridos seus produtos. O espaço virtual também faz um apanhado de todas as críticas culturais feitas à suas obras na imprensa, disponibilizado ao internauta. É interessante que a poesia feita por Jessier Quirino recorre a temas como o interior paraibano, o sertão e o homem do sítio, assim como os primeiros cordelista. A diferença é que essa nova poesia é divulgada na internet e distribuída pelos produtos da indústria cultural.

Outros dois sites são interessantes para essa análise, uma vez que as propostas de ambos são importantes do ponto de vista da Folkcomunicação. O primeiro é o *Cordel Online* (Figura 4). Idealizado e editado pela professora e cordelista Clotilde Tavares, o site tenta

resgatar o caráter jornalístico encontrado em alguns exemplares do gênero cordel. O *Blog* do site oferece aos internautas uma notícia que foi relevante durante a semana e divulga um e-mail para que os *webcordelistas* façam suas estrofes e encaminhem para o blog. A estrofe é analisada pela editora e publicada no site, abaixo da notícia. Dentro de dois dias é possível ter um cordel construído de forma coletiva e acessível para qualquer internauta, criado e formatado exclusivamente através do ciberespaço (APOLINÁRIO, 2010).



Figura 3. Disponível em: [www.jessierquirino.com.br](http://www.jessierquirino.com.br). Acesso em: 19 abr. 2011.

Já o site *Cordel Campina* (Figura 5) é editado pelo estudante de Comunicação Social e Letras da Universidade Estadual da Paraíba, Rodrigo Apolinário. O objetivo é propagar – de forma jornalística – a cultura popular nordestina, em especial a literatura de cordel. No site o leitor pode encontrar matérias, entrevistas, artigos e fotografias da produção de cordel no Brasil e no mundo. Além disso, o espaço dispõe de *links* históricos, levando o leitor a conhecer a história do cordel no mundo, no Brasil, na Paraíba e em Campina Grande. O *Cordel Campina* apresenta um banco de dados dos cordelistas com nome, biografia resumida e contatos. Dispõe ainda de um dicionário popular com mais de cem expressões tipicamente nordestinas, ensaios e artigos especializados na cultura popular e músicas cifradas que retratam o ambiente nordestino (APOLINÁRIO, 2010).

Diferentemente dos meios de comunicação de massa que tratam de temáticas relacionadas ao cordel apenas na época do São João, esses espaços na web ficam disponibilizados ao internauta durante todo o ano. Mesmo blogs e sites da web que não são atualizados constantemente contêm artigos e análises de cordéis que podem ser consultados

periodicamente. Essa é uma das vantagens do uso da internet pelos ativistas culturais da cultura popular, em especial do cordel.



Figura 4. Disponível em: [www.cordelonline.com.br](http://www.cordelonline.com.br)  
Acesso em: 26 set. de 2010.



Figura 5. Disponível em: [www.cordelcampina.com.br](http://www.cordelcampina.com.br)  
Acesso em: 26 set. de 2010.

## AFINAL, ONDE ISSO VAI DAR?

É interessante notar como a literatura em cordel soube se adaptar ao se utilizar da indústria cultural e dos novos meios de comunicação de massa, como a internet. Entretanto, o uso atual da web não chega a ser novidade, visto que o gênero era usado em vários programas de rádio e de televisão da Paraíba. A preocupação com o aniquilamento da cultura popular pela cultura de massa têm se mostrado inconsistente. Infelizmente, quando se fala nos dois termos se pensa num relacionamento de subordinação e exclusão, quando, na verdade, se deveria pensar em termos de complementação. Como lembra Teixeira Coelho “Muitos não conseguem entender que a cultura popular é uma das fontes da cultura nacional, mas não a fonte, não havendo razão para usá-la como escudo num combate contra a cultura de massa (COELHO, 1996, p. 20).

O próprio estabelecimento de hierarquias entre formas e práticas culturais – que definia e classificava os produtos da cultura erudita, popular e de massa como alta/baixa ou superior/inferior –, foi questionada seriamente pelos estudos culturais, recusando as denúncias proferidas pelos estudiosos da alta cultura. “Cultura e ideologias de classe não fazem sentido quando superadas por completo e, por conseguinte, geram consideráveis mudanças nos estudos culturais” (LIMA, 2003, p. 52). Graças ao uso crescente do popular pelos meios de comunicação de massa – e vice versa –, a distinção entre cultura popular e de massa está cada vez mais delicada e difícil de ser vista. “A cultura popular está sempre aberta a setores de



produção cultural, a outros significados, a novas práticas sociais, aos novos sistemas de comunicação” (TRIGUEIRO, 2005). Antes de ser usado pelos *mass media*, o cordel foi um importante instrumento de comunicação popular, que era usado para atingir o maior número possível de pessoas. O uso da internet pelos cordelistas apenas reforça essa tradição, que é típica da cultura popular.

Na cultura popular, novo e arcaico se entrelaçam: os elementos mais abstratos do folclore podem persistir através dos tempos e muito além da situação em que se formaram. Assim, na metrópole, suas formas de pensar e sentir continuam organizando sistemas de referência e quadros de percepção do mundo urbano [...]. Ante a pergunta – ‘a cultura de massa vai absorver a cultura popular?’ –, podemos fazer outra pergunta: - ‘a cultura popular vai absorver a cultura de massa?’ Tanto do ponto de vista histórico quanto do funcional, a cultura popular pode atravessar a cultura de massa tomando seus elementos e transfigurando esse cotidiano em arte. Ela pode assimilar novos significados em um fluxo contínuo e dialético (BOSI, 1986, p. 65).

Portanto, dentro desse contexto, não faz mais sentido essa preocupação de estudar as possíveis “deturpações” e “descaracterizações” das manifestações das culturas populares dentro das sociedades midiaticizadas (TRIGUEIRO, 2005). A indústria cultural não elimina as diferenças nem muito menos equaciona ou homogênisas as diferentes formas culturais. O processo de apropriação das tradições populares pelos meios de comunicação de massa não ocorre passivamente, visto que os receptores e produtores dos bens culturais populares também fazem uso desses meios para divulgar e trabalhar com suas práticas culturais. É importante ressaltar o quanto a entrada do cordel no ciberespaço foi positiva tanto para os cordelistas quanto para uma parte da população que antes não conhecia nem tinham acesso ao folheto do acontecido. As perguntas se a indústria cultural faz bem ou não para a população no geral ou para a cultura popular em particular se tornaram irrelevantes.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo dias. **Folkmídia: a mediação da cultura popular pelos meios de comunicação de massa, de Beltrão a Luyten**. PCLA, Vol. 4, nº 3, abr – jun de 2003.

APOLINÁRIO, Rodrigo. **Literatura de Cordel na Paraíba: da Serra de Teixeira à Internet**. IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste, 2010.

BATISTA, Sebastião Nunes. **Antologia da Literatura de Cordel**. São Paulo: Fundação José Augusto, 1997.

BOSI, Eclêa. **Cultura Popular e Cultura de Massa**. São Paulo: Vozes, 1986.



COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Brasilense, 1996.

DRAMARC, Diógenes L. Barreto de Sousa. **Ciber-cordel: uma expressão contemporânea da dinâmica da literatura popular em verso**. Disponível em [www.cibersociedad.net](http://www.cibersociedad.net). Acesso em: 22 set. 2010.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LIRA, Janaína. **A literatura de cordel na sala de aula**. Campina Grande: UFCG, 2004.

\_\_\_\_\_. **Paraíba: o berço do cordel no Brasil**. Campina Grande: Cordel Campina, 2008. Disponível em: <[http://www.cordelcampina.com.br/pg.php?p=cordel\\_paraiba](http://www.cordelcampina.com.br/pg.php?p=cordel_paraiba)>. Acesso em: 15 abr. 2011.

LIMA, Ana Paula Campos. **Sertão Alumiado pelo fogo do Cordel Encantado**. Arcoverde: Pernambuco, 2003. 177 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Administração Rural) - Departamento de Letras e Ciências Humanas, Universidade federal Rural de Pernambuco.

LUYTEN, Joseph. **O que é Literatura de Cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MEYER, Marlise. **Autores de cordel**. São Paulo: Abril Educação, 1980.

PUTERMAN, Paulo. **Indústria cultural: a agonia de um conceito**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

SALES, Roberto. **Perfil Prof. Roberto Sales**. Disponível em <[www.recantodasletras.com.br/autor.php?id=22601](http://www.recantodasletras.com.br/autor.php?id=22601)>. Acesso em: 19 abr. 2011.

SOBRINHO, José Alves. **Cantadores, Repentistas e Poetas Populares**. Campina Grande/PB: Editora Bagagem, 2003.

WOITOWICS, Karina Jans. **Entrevista com Idellete Muzart Fonseca dos Santos**. Revista Internacional de Folkcomunicação: Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR, 2006.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação e ativismo midiático**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

\_\_\_\_\_. **A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos**. Brasília: Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares, fev. de 2005.